

A questão do horário de funcionamento do comércio no Distrito Federal parece ter enveredado pelo caminho da irracionalidade, sob o impulso de um **lobby** demagógico e agressivo o suficiente para converter, através da intimidação, parlamentares que se opunham à denominada "semana inglesa" em resignados partícipes de uma decisão que, se não for revertida, trará enormes transtornos à comunidade, retração no movimento das lojas e desemprego para uma nada desprezível parcela dos trabalhadores do setor.

É fácil aceitar decisões que contrariam nossas posições quando tomadas democraticamente e com base em razões compreensíveis. Não é o caso da "semana inglesa" e não se poderá enfocar uma suposta falta de informação sobre as prováveis conseqüências de sua adoção, caso seja efetivada. A imprensa — e este jornal em particular — promoveu intenso debate sobre o tema, ouvindo não apenas as lideranças reais ou presuntivas das partes interessadas, mas também as pessoas afetadas de uma maneira ou outra pela medida.

Quanto mais se aprofunda a análise da questão, mais evidente se torna o equívoco que a Câmara Legislativa acaba de cometer e que poderá ratificar caso venha a derrubar um eventual veto do governador do Distrito Federal. É absolutamente insólito que indivíduos levados ao comando de uma entidade de classe por escassos 5% ou menos dos afiliados a ela se disponham a lançar ao desemprego uma porcentagem ainda maior de trabalhadores, inclusive de outras categorias, mas que serão indiretamente atingidos e ainda pretendam convencer

a comunidade de que se trata de uma "conquista". Talvez tenham razão se sua lógica for a mesma vigente em Bagdá.

Os motivos que levarão as empresas comerciais a demitir já foram expostos em outro editorial. Ignorá-los ou apontá-los como evidências da "perversidade burguesa" é menosprezar a inteligência dos brasilienses. Encarado por outros ângulos, o caso lança no ridículo aqueles que patrocinam ou se solidarizam com a idéia. Tome-se a hipótese já aventada por algumas pessoas de que: como o projeto da semana inglesa impede o funcionamento das lojas, mas não o das feiras, os comerciantes poderiam levar seus produtos para áreas livres ou estacionamentos. Os prédios talvez pudessem ser usados como estacionamento mas é pouco provável que os ambulantes, que não recolhem impostos (e, portanto, não contribuem para o financiamento dos serviços públicos), vejam com satisfação esta "concorrência desleal". Uma coisa é certa, esta hipotética "camelotização" do comércio só traria desconforto para o público e para os comerciários.

De forma autoritária, o projeto não permite que as lojas abram suas portas fora dos horários previstos, mesmo que a legislação trabalhista seja respeitada e que haja um acordo a respeito entre o empresário e seus funcionários. Não. É preciso a bênção do sindicato que, sendo contrário, dificilmente a dará. Por que razão não se trata, por exemplo, de determinar que a feira da torre deixe de funcionar nos fins de semana e se enquadre na "semana inglesa"? Porque, obviamente, não teria movimento. Outras considerações se poderia fazer, mas o mais importante é que o bom-senso prevaleça sobre a demagogia e a pusilanimidade.